



## A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA CEPAL, ABAETETUBA-PARÁ.

AUTOR 1: Nakatian Nakano Shida  
INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Pará  
EMAIL: [nakatiannakano@gmail.com](mailto:nakatiannakano@gmail.com)  
Waldir Ferreira de Abreu/Orientador  
INSTITUIÇÃO: Professor UFPA  
[awaldir@ufpa.br](mailto:awaldir@ufpa.br)

### RESUMO

A presente pesquisa partiu dos seguintes objetivos: analisar o processo de inclusão de alunos com autismo na Escola em regime de Convenio Municipal Centro de Educação Popular Acendendo as Luzes-CEPAL, em Abaetetuba, bem como investigar a relação entre professor/aluno no sucesso de ensino e aprendizagem; analisar a função da escola e o papel do professor e do cuidador no processo de inclusão. Como metodologia utilizou a abordagem qualitativa de investigação e como instrumento de coleta de dados a observação e a entrevista com uma professora e uma cuidadores que trabalham com os alunos com Espectro Autista. Através dessa pesquisa foi possível constata que o processo de inclusão dos alunos com Espectro Autista na escola CEPAL, acontece apenas na sala de aula, onde é realizado um trabalho de reflexão junto aos demais alunos e o aluno com deficiência participa de todas as atividades, isso segundo as professoras é devido a algumas dificuldades que vão desde a questão da adaptação pedagógica, pois este é de real importância para oferecer um ensino de qualidade até o apoio de toda a escola, pois de acordo com a (PC), as programações pensada por ela direcionada aos alunos com deficiência não são levadas a sério.

**Palavras-chave:** Inclusão. Espectro Autista. Escola.

### INTRODUÇÃO

O processo de inclusão dos deficientes, na rede regular de ensino público ou privado, ainda passa por diferentes desafios em nossa sociedade. E vai desde a recusa da matricula nas escolas até as queixas de professores que não se sentem preparados para trabalhar com esse público “acreditando que é necessário ter formação de especialista, enfim, tentam resistir ao acolhimento dos que antes ficavam segregados do ensino regular, tendo lugar apenas na educação especial” (ROMERO e SOUSA, 2017, p. 02).



Essa resistência dos professores não pode ser maior que a legislação brasileira “que garante a matrícula de todo aluno no ensino regular; assim, a inclusão acontece” (ROMERO e SOUSA, 2017, p. 02).

Partindo desse direcionamento o trabalho apresenta como objetivo geral: Analisar o processo de inclusão de alunos com autismo na escola Cepal em Abaetetuba e como objetivos específicos investigar a relação entre professor/aluno no sucesso de ensino e aprendizagem; analisar a função da escola e o papel do professor no processo de inclusão.

## **METODOLOGIA**

Como metodologia utilizou a abordagem qualitativa de investigação e como instrumento de coleta de dados a observação e a entrevista contendo 07 perguntas a uma professora e uma cuidadora que trabalham com os alunos com Espectro Autista na escola alvo da pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa de campo ocorreu na Escola em regime de Convenio Municipal Centro de Educação Popular Acendendo as Luzes-CEPAL, localizada na 2º Rua do Campo da aviação numero 2341, Cidade de Abaetetuba, Pará.

Para o alcance dos objetivos da pesquisa que foi analisar o processo de inclusão de alunos com autismo na escola CEPAL, em Abaetetuba realizamos entrevistas com 02 professores da escola Acendendo as Luzes, uma titular e outra cuidadora. Essas professoras exercem suas atividades educativas na escola da rede municipal de ensino. Chamaremos a primeira de PT (Professora Titular) e outra PC (Professora Cuidadora) para podermos apresentar a análise dos dados coletados.

Iniciamos a entrevista com os professores realizando o seguinte questionamento: Há quanto tempo trabalhava com aluno com Espectro Autista. As respostas foram a seguinte:

“[...] hoje aqui na escola eu acho que uns 6 anos mais ou menos com a inclusão que entraram os alunos especiais aí que a gente tá descobrindo essa novidade por que a gente não tá preparado pra isso né, aí a gente vai só fazendo as coisas, vai aprendendo um com o outro, vai verificando, vai experimentando, aí a gente vai vendo se consegue” (PT).



“Eu trabalho com aluno com deficiência assim com todas as deficiências né, desde 2009 e com autista desde 2014, já foram dois alunos que eu trabalhei” ( PC).

A professora titular da turma não deixa claro quanto tempo trabalha com os alunos deficientes, mas expõe de forma geral que a escola iniciou o processo de inclusão a pouco mais de seis anos, mas enfrentando muitas dificuldades. Segundo a professora cuidadora seu trabalho com deficientes já duram oito anos, mas com alunos com espectro autista três anos mais ou menos.

Como se pode perceber, o trabalho com os alunos que apresentam algumas deficiências na escola CEPAL é recente, segundo as entrevistadas, por isso as dificuldades são muitas entre elas o falta de formação adequada dos profissionais, bem como a formação específica para trabalhar com essa clientela.

A próxima pergunta foi: como se dá o processo de inclusão dos alunos com Espectro Autista nesta escola. As respostas foram:

“Autista [...] é a primeira vez, ele é uma criança não só autista, ele tem agregado algumas coisinhas, mas que quando a gente verifica ele foge um pouquinho da questão do autismo [...] por que a gente tem aluno autista que gosta de ficar sozinho, que não tem essa habilidade de junto com outros, [...]. Mas assim, é a primeira vez que eu tô com autismo, já tive outros alunos especiais alguns anos atrás, mas com “outros”, “outras” situação” (PT).

“Não tem tanto apoio, eu assim, eu questiono muito, [...] as vezes falta o professor e eles querem que a gente substitua,[...] eu não, se faltar na sala que eu estou com meu aluno eu substituo, mas tira ele da sala de aula pra levar pra outra turma eu não faço, por isso eu acho que aqui eles não primam tanto pela qualidade de ser unicamente para aquela função. [...] vejo que aqui o professor cuidador e o aluno não tem tanto apoio [...] eu me sinto esmorecida, [...] Na sala de aula a inclusão é muito boa, eles gostam muito do aluno, fazem tudo pra ele participar das coisas, até das brincadeiras” ( PC).

Fica evidente na fala da professora (PT) uma preocupação com as características de um aluno com espectro autista. De acordo com ela “ele foge um pouquinho da questão do autismo, porque ele gosta de trabalhar em grupo né” (PT).

De acordo com a nova revisão, o DSM-V, o Transtornos Globais do Desenvolvimento pode ser classificado em: Grau leve (Nível 1), Grau moderado (Nível 2), Grau severo (Nível 3). Nas observações feitas pela professora, acredita-se que estamos à frente do nível leve (Nível 1), nesse nível a criança com espectro autista pode ser identificada como uma crianças sem deficiência devido algumas características que não enquadram no diagnostico do TEA, porém



é preciso que o professor conheça todos as principais características desse nível para poder realizar a intervenções necessárias.

Nas respostas da professora (PC) percebeu-se certa revolta com a atitude da escola em relação a sua atuação como cuidadora. De acordo com suas respostas a escola não dá apoio pedagógico, na falta de um professor regente exige-se que a professora cuidadora substitua-o entre outras coisas que agride a sua profissão.

Em relação o processo de inclusão, a (PC) relata que esta acontece apenas em sala de aula, onde o aluno com Espectro Autista participa de todas as atividades que é oferecido, e ainda os alunos sem deficiência demonstram amizade e amor pelo aluno deficiente.

Quando perguntamos quais são as dificuldades para incluir o aluno com Espectro Autista na escola Acendendo as Luzes. As professoras responderam:

“[...] a dificuldade... É na sala, as crianças assim respeitam o aluno especial aqui na escola eu não vejo esse negocio de bullying, eu vejo que eles são carinhosos, eles se aproximam das crianças, mas assim, na questão do desenvolvimento mesmo de sala de aula, é a questão de adaptar material, [...] pra ver de que forma aquele conhecimento pode ser passado pra eles[...]” ( PT).

“Principalmente o apoio da escola, a gente às vezes quer fazer uma programação diferente [...] no dia do autismo, sempre é deixado de lado, as vezes a gente tem uma coisa nova que a gente quer repassar quando a gente participa de formação de palestra essas coisas quando eles aceitam nem ligam, não dão valor” ( PC).

Como podemos perceber a (PT) possui a mesma percepção da professora (PC) em relação a inclusão, que este está mais presente sala de aula, porém de acordo com ela a dificuldade maior é a questão da adaptação pedagógica, pois este é de real importância para oferecer um ensino de qualidade para os alunos com alguma deficiência.

De acordo com as respostas da (PC) um dos entraves que dificultam o processo de inclusão é o apoio de toda a escola, pois de acordo com a (PC), as programações pensada por ela enquanto professora do aluno com deficiência não são levadas a sério, deixando-a contrariada e triste.

Fica claro nas falas das professoras entrevistadas que a inclusão não é apenas matricular o aluno na escola ou realiza-la apenas em alguns espaços, mas oferecer oportunidades iguais para todos. Segundo Brasil (2005, p.32) [...] a educação inclusiva vai muito além da presença física do aluno no ensino regular. Como podemos perceber nesse documento, a instituição de ensino deveria rever seus valores e diretrizes, procedimentos, melhorar seus ambientes, repensar as avaliações, métodos, estratégias, capacitar seus profissionais e apropriar adaptações



na estrutura físicas e didáticas pedagógicas. “O espaço escolar readaptado para acolher e atender a diversidade dos alunos favorecendo a convivência de todos indistintamente” (FUKUSHIMA, 2008, p. 04). É preciso que cada instituição de ensino realize um trabalho diagnóstico, conhecer sua realidade e programar adaptações de serviço.

A próxima pergunta foi o que as professoras entendiam por inclusão. Elas responderam que:

“Bom, eu entendo que inclusão é fazer com que o aluno não só fique no espaço né, com os outros ditos normais, mas também que ele possa acompanhar, que o desenvolvimento dele também avance como os normais [...]” (PT).

“Olha, tá longe de ser 100% (cem por cento), ainda falta muita coisa, mas a gente tem muita esperança[...]mas, melhorou apesar de todos os problemas que a gente tem na nossa escola, mais aqui no CEPAL a gente tem apesar de todos os problemas esta escola faz a diferença [...] aqui principalmente os coleguinhas, eles respeitam sabe, tem uma amizade, os professores, nos temos o maio cuidado [...]” (PC).

De acordo a (PC) a inclusão não é só incluir no espaço da escola o aluno com deficiência, mas, também que ele possa acompanhar a turma, que o desenvolvimento dele também avance como os dos alunos sem deficiência, dando oportunidades para que acompanhe a turma. Pode-se perceber na fala da (PC) o seu entendimento por inclusão, dialoga com a concepção da (PT) que é oferecer um lugar, a qual o aluno tenha apoio, pedagógico, adaptações tanto arquitetônica com pedagógica e principalmente o carinho de todos que fazem o espaço da escola.

A última pergunta foi: vocês realizam formação continuada durante o ano letivo sobre o processo de inclusão na escola.

“Na escola a gente faz palestras, estudos que as coordenadoras fazem pra nós e pela prefeitura este ano que teve, [...]” (PT).

“Na escola não, inclusive na terça ferira eu vou participar de uma formação na escola Bernardino. Quando eu tenho dúvida eu procuro informação na SEMEC, nesse ponto a SEMEC é muito parceira, na APAE. As coordenadoras é que vem até nós quando tem dúvidas” (PC).

De acordo com a (PT) a escola oferece, e vão desde palestras a estudos sobre o tema oferecido pela coordenação pedagógica, bem como a prefeitura municipal de educação do município de Abaetetuba que este ano de 2017, ofereceu. Segundo a professora antes a formação era direcionado apenas para os cuidadores e para o professor da sala do AEE. Este ano que foi ampliado para os professores titulares da turma, porém com um problema só poderia



participar se os docentes não liberassem a turma, pagando em outro dia ou deixando um substituto.

A professora (PC) contradiz o que a (PT) expõe em seus comentários a respeito das formações que acontecem na escola, afirmando que estas não acontecem na escola.

## CONCLUSÃO

Através dessa pesquisa foi possível constatar através da professora titular (PT) e da cuidadora (PC) que o processo de inclusão dos alunos com Espectro Autista na escola CEPAL, acontece apenas no espaço em que elas atua, isso é na sala de aula, onde é realizado um trabalho de reflexão junto aos demais alunos e o aluno com deficiência participa de todas as atividades, isso segundo elas é devido a algumas dificuldades que vão desde a questão da adaptação pedagógica, pois este é de real importância para oferecer um ensino de qualidade até o apoio de toda a escola, pois de acordo com a (PC), as programações pensadas por ela direcionadas aos alunos com deficiência não são levadas a sério.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Parecer CNE/CEB n. 017/2005.

FUKUSHIMA, Cecília Sueko Miyake, **Caminhos para inclusão dos surdos na educação de Jovens e adultos:** Ouvintes falando com as mãos / Libras. PDE- Programa de desenvolvimento educacional-2008.

MARQUES, Simone de Cassia Moura. **O processo de Inclusão e as dificuldades do professor na sua aplicabilidade em sala de aula** (Monografia apresentada ao Curso de especialização em Desenvolvimento Humano Educação e inclusão Escolar). Brasília, 2011.

ROMERO, Rosana Aparecida Silva. SOUZA, Sirleine Brandão de. **Educação Inclusiva:** Alguns marcos Históricos que produziram a Educação atual. Disponível:[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/447\\_408.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/447_408.pdf) acesso em: 23/01/2017.